



Riscos de Infecções Hospitalares; Fatores Determinantes e Estratégias de Prevenção na Prática do Enfermeiro

Thaylla Camylle Rocha Santos¹; Enderson Eduardo Monteiro Sales²; Linconl Agudo Oliveira Benito³

Como Citar:

SANTOS, Thaylla Camylle Rocha; SALES, Enderson Eduardo Monteiro; BENITO, Linconl Agudo Oliveira. Riscos de Infecções Hospitalares; Fatores Determinantes e Estratégias de Prevenção na Prática do Enfermeiro. Revista Sociedade Científica, vol. 8, n. 1, p. 2465-2487, 2025.

<https://doi.org/10.61411/rsc2025115918>

DOI: 10.61411/rsc2025115918

Área do conhecimento:

Ciências da Saúde

Sub-área:

Enfermagem

Palavras-chaves:

Controle de Infecções; Infecções Hospitalares; Enfermeiro; Biossegurança; Segurança do Paciente.

Publicado: 24 de novembro de 2025

Resumo

Infecções hospitalares representam um dos principais desafios da assistência à saúde, impactando a morbimortalidade dos pacientes e a qualidade dos serviços. Esta pesquisa teve enquanto objetivo, analisar fatores determinantes para ocorrência dessas infecções e identificar estratégias preventivas na prática do enfermeiro. A metodologia baseou-se em revisão de literatura narrativa, utilizando artigos científicos, diretrizes institucionais e normativas de órgãos reguladores dos últimos 10 anos. O estudo busca compreender como a adesão aos protocolos de biossegurança, higienização das mãos e uso racional de antimicrobianos, influenciam na redução da disseminação de microrganismos multirresistentes. Os resultados esperados incluem a identificação de dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem na implementação das medidas preventivas e a proposição de estratégias baseadas em evidências científicas, para minimizar riscos de infecção hospitalar. Conclui-se que a capacitação contínua dos enfermeiros, aliada ao monitoramento das práticas institucionais, é fundamental na prevenção das infecções hospitalares e na promoção da segurança do paciente.

Risks of Hospital Infections; Determining Factors and Prevention Strategies in Nursing Practice

Abstract

¹UNINASSAU, Brasília, Brasil. Email: [✉](mailto:thaylla@uninassau.edu.br)

²UNINASSAU, Brasília, Brasil. Email: [✉](mailto:enderson@uninassau.edu.br)

³UNINASSAU, Brasília, Brasil. Email: [✉](mailto:linconl@uninassau.edu.br)



Hospital infections represent one of the main challenges in healthcare, directly impacting patient morbidity and mortality as well as the quality of services provided. This research aims to analyze the determining factors for the occurrence of these infections and identify preventive strategies in nursing practice. The adopted methodology is based on a qualitative literature review, using scientific articles, institutional guidelines, and regulatory standards published in the last ten years. The study seeks to understand how adherence to biosafety protocols, hand hygiene, and the rational use of antimicrobials influence the reduction of multidrug-resistant microorganism dissemination. The expected results include identifying the main challenges faced by nursing professionals in implementing preventive measures and proposing evidence-based strategies to minimize hospital infection risks. It is concluded that the continuous training of the nursing team, combined with the rigorous monitoring of institutional practices, plays a fundamental role in preventing hospital infections and promoting patient safety.

Keywords: Hospital infections. Nursing. Biosafety. Infection control. Patientsafety.

1. **Introdução**

Infecções hospitalares, também denominadas infecções relacionadas à assistência em saúde (IRAS), constituem um dos maiores desafios enfrentados por instituições de saúde em todo o mundo. Esses eventos adversos afetam a segurança do paciente, prolongam o tempo de internação, elevam os custos hospitalares e podem aumentar significativamente as taxas de morbimortalidade [1.].

O enfermeiro desempenha um papel crucial na prevenção dessas infecções, pois está diretamente envolvido no cuidado e na implementação de medidas de biossegurança que visam reduzir a propagação de agentes patogênicos dentro dos ambientes hospitalares [1.].



A ocorrência de infecções hospitalares pode estar associada a diferentes fatores, como falhas nos protocolos de higienização das mãos, uso inadequado de antimicrobianos, manipulação incorreta de dispositivos invasivos e deficiências estruturais nos hospitais. A resistência bacteriana, um problema crescente no contexto da saúde pública, agrava ainda mais essa situação, tornando imprescindível o desenvolvimento e a aplicação de estratégias eficazes para mitigar os riscos de infecção [2.].

Estudos indicam que a adoção rigorosa de medidas preventivas pode reduzir significativamente a incidência dessas infecções, demonstrando a importância de capacitar os profissionais da área hospitalar [2.].

A relevância desse estudo justifica-se pelo impacto significativo das infecções hospitalares na qualidade da assistência à saúde, tornando essencial a investigação sobre práticas eficazes de prevenção. Além disso, a pesquisa visa contribuir para a conscientização dos profissionais de enfermagem sobre a importância do cumprimento rigoroso dos protocolos de segurança, enfatizando a necessidade de atualizações constantes e treinamentos específicos para o controle de infecções no ambiente hospitalar [2.].

Infecções hospitalares representam um problema de saúde pública global, afetando diretamente a qualidade da assistência prestada aos pacientes. O interesse em pesquisar esse tema surgiu a partir da observação do impacto dessas infecções no cotidiano hospitalar, evidenciado pelo aumento do tempo de internação, pelo agravamento do estado clínico dos pacientes e pelo crescimento da resistência microbiana a antimicrobianos [4.].

O enfermeiro, sendo a categoria profissional com maior contato direto com os pacientes, tem um papel fundamental na prevenção e controle dessas infecções, tornando essencial um aprofundamento sobre os fatores que contribuem para sua ocorrência e as estratégias que podem ser implementadas para mitigá-las [4.].



O crescimento das infecções hospitalares tem sido amplamente discutido em pesquisas acadêmicas e em diretrizes de órgãos reguladores, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que apontam falhas nos protocolos de higienização, manipulação inadequada de materiais e o uso indiscriminado de antibióticos como fatores determinantes. Estudos demonstram que a adoção de boas práticas pode reduzir significativamente a incidência dessas infecções, o que evidencia a necessidade de um maior comprometimento por parte das instituições e dos profissionais de saúde na implementação de medidas preventivas eficazes [5.].

A importância desta pesquisa reside na necessidade de fortalecer o conhecimento sobre os riscos das infecções hospitalares e aprimorar a formação do enfermeiro quanto à biossegurança. A prevenção dessas infecções não apenas protege os pacientes, mas também reduz a sobrecarga no sistema de saúde, minimizando custos com internações prolongadas e tratamentos de infecções secundárias, dessa forma, a pesquisa busca evidenciar estratégias que podem ser adotadas para otimizar a segurança hospitalar e melhorar os protocolos já existentes [5.].

Para o enfermeiro, compreender os desafios relacionados à prevenção das infecções hospitalares possibilita um aprimoramento das práticas assistenciais e uma atuação mais qualificada no controle desses agravos, esse conhecimento pode contribuir para a melhoria das condições de trabalho e para a redução dos riscos ocupacionais, uma vez que os trabalhadores da saúde também estão expostos à contaminação. Além disso, a pesquisa pode servir como base para futuras discussões acadêmicas e políticas institucionais voltadas para o fortalecimento das medidas de controle de infecções [4.].

A questão que norteia esta pesquisa consiste em identificar os principais fatores que contribuem para a disseminação de infecções hospitalares e analisar quais estratégias podem ser adotadas pelo enfermeiro para minimizá-las. Com base nessa problemática, o estudo busca responder como a atuação do enfermeiro pode influenciar



na prevenção dessas infecções e quais desafios ainda precisam ser superados para garantir maior segurança aos pacientes internados [3.].

Essa abordagem se justifica pela necessidade de compreender as práticas institucionais de biossegurança e o impacto da atuação da equipe de enfermagem na redução dos índices de infecção hospitalar.

2. Metodologia

O estudo se fundamentará em uma revisão narrativa, a busca bibliográfica foi realizada utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além de consultas em bases científicas reconhecidas, como SciELO, PubMed e LILACS. Foram priorizados artigos publicados nos últimos 10 anos, em português, inglês e espanhol, contemplando produções nacionais e internacionais relacionadas às infecções hospitalares e à prática do enfermeiro.

Os critérios de inclusão consideraram estudos que abordassem diretamente a prevenção e o controle das infecções hospitalares no contexto da enfermagem, excluindo publicações desatualizadas ou que não apresentassem evidências científicas consistentes. As fontes utilizadas também contemplaram diretrizes de órgãos reguladores, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A análise dos resultados foi realizada por meio da interpretação crítica das informações extraídas dos artigos, utilizando a triangulação de dados entre diferentes autores para garantir consistência e validade científica. Essa estratégia possibilitou identificar padrões, desafios e lacunas relacionados à prevenção de infecções hospitalares, bem como propor reflexões aplicáveis à prática profissional.

A pesquisa busca fornecer um panorama abrangente sobre os riscos de infecções hospitalares e a importância da atuação da enfermagem na implementação de medidas preventivas eficazes. Os resultados obtidos poderão subsidiar discussões acadêmicas e



institucionais, contribuindo para o aprimoramento dos protocolos de controle de infecção e para a promoção de um ambiente hospitalar mais seguro para pacientes e profissionais de saúde.

3. **Desenvolvimento e discussão**

O presente estudo busca apresentar os principais referenciais teóricos relacionados às infecções hospitalares, destacando sua evolução histórica, o impacto clínico e financeiro, bem como os fatores de risco que contribuem para sua ocorrência. Serão abordadas ainda as medidas preventivas mais relevantes, com ênfase na higienização das mãos, além do papel desempenhado pelo enfermeiro na implementação de protocolos de biossegurança e no controle de infecções.

Infecções hospitalares, também denominadas infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), constituem um dos principais desafios enfrentados pelas instituições de saúde em âmbito global. Essas infecções são adquiridas durante a internação hospitalar e podem surgir a partir da exposição a patógenos em ambientes clínicos, tornando-se um fator agravante na recuperação dos pacientes [12.].

A disseminação de micro-organismos no ambiente hospitalar ocorre por meio de diversos vetores, como contato direto entre profissionais e pacientes, superfícies contaminadas e dispositivos invasivos. Esses fatores tornam as IRAS um problema complexo, exigindo medidas rigorosas para sua contenção [12.].

O impacto das infecções hospitalares vai além das complicações clínicas nos pacientes, refletindo diretamente no aumento dos custos hospitalares e na sobrecarga dos serviços de saúde. Essas infecções prolongam o tempo de internação, geram a necessidade de tratamentos mais agressivos e podem resultar em complicações fatais, especialmente em populações vulneráveis, como idosos, imunossuprimidos e pacientes submetidos a procedimentos invasivos, dessa forma, estratégias eficazes de controle são essenciais para reduzir a incidência dessas infecções [13.].



Diversos fatores de risco contribuem para o desenvolvimento das infecções hospitalares, sendo os mais comuns a reduzida higienização das mãos, o uso inadequado de antimicrobianos, a presença de microrganismos multirresistentes e as condições estruturais dos hospitais. A baixa adesão às práticas de higienização e biossegurança pelos profissionais de saúde compromete a efetividade dos protocolos de prevenção, o monitoramento contínuo desses fatores e a implementação de medidas preventivas são fundamentais para a segurança do paciente [14.].

A disseminação de patógenos no ambiente hospitalar ocorre principalmente devido ao contato com superfícies contaminadas e ao uso de equipamentos hospitalares sem a devida desinfecção, a permanência de microrganismos resistentes em superfícies pode prolongar a cadeia de transmissão, tornando imprescindível a aplicação rigorosa de desinfecção hospitalar e práticas de esterilização adequadas. A adoção de medidas preventivas é crucial para minimizar esses riscos [15.].

O uso indiscriminado de antimicrobianos também desempenha um papel fundamental na resistência bacteriana, favorecendo a seleção de cepas resistentes, a automedicação, a prescrição excessiva de antibióticos e o reduzido controle sobre seu uso contribuem para o agravamento desse problema. A regulação rigorosa e a conscientização sobre o uso racional de antimicrobianos são medidas fundamentais para reduzir a resistência microbiana [16.].

A ventilação mecânica, os cateteres venosos centrais e as sondas vesicais estão entre os principais dispositivos associados ao aumento do risco de infecção, esses dispositivos criam um ambiente propício para a proliferação de patógenos, exigindo protocolos rigorosos para sua manipulação e manutenção. A capacitação dos profissionais e a fiscalização da adesão às boas práticas são essenciais para reduzir as taxas de infecção associadas ao uso desses dispositivos [17.].

Estudos indicam que a taxa de infecções hospitalares é maior em unidades de terapia intensiva (UTIs), onde os pacientes encontram-se mais vulneráveis, devido à



gravidade de suas condições. Além da complexidade dos casos atendidos, a alta rotatividade de profissionais e o uso constante de equipamentos invasivos contribuem para a disseminação de patógenos. A adoção de barreiras de proteção e a implementação de programas de vigilância epidemiológica são medidas essenciais para reduzir os índices de infecção nesses setores [18.].

A luta contra as infecções hospitalares exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo esforços conjuntos da equipe de saúde, gestores hospitalares e órgãos reguladores. A educação continuada dos profissionais de saúde e a implementação de programas de prevenção baseados em evidências científicas são estratégias essenciais para minimizar os riscos de infecção. Somente com a conscientização coletiva e a adesão rigorosa aos protocolos de biossegurança será possível reduzir a incidência das infecções hospitalares e garantir uma assistência mais segura e eficaz [19.].

O conhecimento sobre infecções hospitalares possui raízes antigas, ainda que a compreensão científica do processo infeccioso só tenha se consolidado a partir do século XIX. Na Idade Média, hospitais eram espaços voltados mais para acolhimento do que para a cura, e frequentemente funcionavam como focos de disseminação de doenças devido à ausência de condições de higiene adequadas [6.].

Somente no século XIX ocorreram avanços significativos, principalmente com os estudos de Ignaz Semmelweis, que demonstrou a importância da higienização das mãos para reduzir a mortalidade materna em hospitais, e de *Florence Nightingale*, que introduziu práticas de ventilação, limpeza e organização dos ambientes hospitalares, reduzindo de forma expressiva a mortalidade em campos de guerra. Essas descobertas marcaram o início de uma nova era no controle das infecções associadas ao cuidado em saúde [7.,8.].

No século XX, o desenvolvimento da microbiologia, a descoberta dos antibióticos e a criação de protocolos de esterilização e assepsia representaram marcos importantes na luta contra as infecções hospitalares. Entretanto, o uso indiscriminado de



antimicrobianos também contribuiu para o surgimento da resistência bacteriana, que se consolidou como um dos maiores desafios contemporâneos da saúde pública [9.].

No Brasil, as primeiras normatizações específicas sobre o tema surgiram nas décadas de 1980 e 1990, culminando na criação de *Programas de Controle de Infecção Hospitalar* (PCIH) em hospitais de médio e grande porte. Em 1997, a Portaria nº 2.616 do Ministério da Saúde (MS) estabeleceu diretrizes para a vigilância epidemiológica e a obrigatoriedade de Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) nas instituições de saúde [10.]. Desde então, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tem atuado no fortalecimento das políticas de prevenção e monitoramento dessas infecções [11.].

Atualmente, a compreensão da história das infecções hospitalares permite reconhecer a importância das práticas de prevenção e do papel do enfermeiro na manutenção da segurança do paciente. A trajetória histórica evidencia que medidas simples, como a higienização das mãos, aliadas a políticas de controle institucional, são capazes de transformar os desfechos clínicos e reduzir significativamente os índices de morbimortalidade relacionados às infecções associadas à assistência [7.,9.].

As infecções hospitalares representam não apenas um grave problema de saúde pública, mas também um dos principais fatores de elevação dos custos assistenciais em instituições de saúde. Cada episódio de infecção adquirida durante a internação está associado ao prolongamento da permanência hospitalar, ao uso intensivo de antimicrobianos e a procedimentos diagnósticos e terapêuticos adicionais, onerando os sistemas de saúde públicos e privados [20.].

Estudos apontam que pacientes com infecções hospitalares podem permanecer internados até três vezes mais do que aqueles sem complicações infecciosas, elevando diretamente os gastos hospitalares. Além disso, a utilização prolongada de antibióticos e de equipamentos de suporte intensivo, como ventiladores mecânicos e cateteres, contribui para um aumento significativo dos custos operacionais e logísticos [21.].



No Brasil, estima-se que as infecções relacionadas à assistência à saúde causem um aumento médio de 20% a 30% nas despesas hospitalares totais, representando um desafio para instituições já sobrecarregadas por restrições orçamentárias e alta demanda por leitos [22.]. Em unidades de terapia intensiva, esse impacto é ainda mais expressivo, uma vez que os pacientes apresentam maior gravidade clínica, necessitando de cuidados especializados e insumos de alto custo [23.].

Além dos custos diretos, relacionados à internação prolongada e à terapia antimicrobiana, as infecções hospitalares geram custos indiretos, como perda de produtividade do paciente e de seus familiares, maior utilização de recursos do sistema público de saúde e aumento da judicialização de processos por falhas assistenciais. Esses elementos reforçam a dimensão social e econômica do problema [24.].

A resistência antimicrobiana, agravada pelo uso inadequado de antibióticos, também contribui para a elevação dos custos, uma vez que microrganismos multirresistentes exigem o emprego de antimicrobianos de última geração, mais caros e nem sempre disponíveis em instituições públicas. Essa situação compromete a sustentabilidade financeira dos hospitais e coloca em risco a equidade no acesso ao tratamento [25.].

Diante desse cenário, a prevenção das infecções hospitalares configura-se não apenas como uma medida essencial para a segurança do paciente, mas também como estratégia de gestão financeira. Investimentos em capacitação de profissionais, programas de controle de infecção e melhorias estruturais podem reduzir significativamente os custos decorrentes dessas complicações, garantindo maior eficiência ao sistema de saúde e alívio para os orçamentos hospitalares [21.,23.].

A higienização das mãos é uma das medidas mais eficazes para a prevenção de infecções hospitalares, sendo amplamente recomendada por órgãos internacionais e nacionais de controle de infecção. A adesão adequada à higiene das mãos reduz significativamente a transmissão de microrganismos entre pacientes e profissionais de



saúde, constituindo-se como um dos principais pilares da segurança hospitalar, apesar de sua importância, a adesão dos profissionais a essa prática ainda é considerada baixa em muitos hospitais [26.].

A transmissão de patógenos pelas mãos ocorre devido ao contato com superfícies contaminadas, fluidos corporais e dispositivos médicos. O simples ato de higienizar as mãos antes e após o contato com os pacientes pode evitar a disseminação de microrganismos e reduzir a taxa de infecções hospitalares em até 50%. No entanto, a reduzida conscientização e o alto fluxo de trabalho são barreiras que impactam negativamente a adesão a essa prática [27.].

A técnica correta de higienização das mãos envolve etapas específicas que garantem a eliminação de microrganismos presentes na pele. A higienização pode ser feita com água e sabão, nos casos em que há “sujidade visível”, ou com soluções alcoólicas, que são eficazes contra a maioria dos agentes patogênicos, o uso adequado desses métodos é essencial para garantir a eficácia da prevenção [28.].

A implementação de protocolos institucionais voltados para a higienização das mãos tem mostrado resultados positivos na redução de infecções hospitalares. A inserção de programas de capacitação, campanhas de conscientização e fiscalização contínua do cumprimento dos protocolos aumentam significativamente a adesão dos profissionais à prática da higiene das mãos [29.].

A infraestrutura hospitalar também influencia diretamente na adesão dos profissionais à higienização das mãos. A disponibilidade de pias, dispensadores de álcool gel e sinalizações informativas nos setores hospitalares são fatores que favorecem a adesão dos profissionais a essa prática, garantindo uma prevenção mais eficaz [30.].

A educação continuada desempenha um papel essencial na promoção da higienização das mãos como prática padrão na prevenção de infecções. Treinamentos frequentes e o reforço das diretrizes institucionais são fundamentais para a formação de uma cultura hospitalar voltada para a segurança do paciente [31.].



A resistência de alguns profissionais em adotar a higienização das mãos como prática rotineira é um obstáculo que ainda precisa ser superado. A sobrecarga de trabalho, o reduzido tempo e a percepção errônea de que a higienização das mãos não é necessária em determinados procedimentos são fatores que comprometem a adesão a essa prática [32.].

A incorporação de estratégias de incentivo, como auditorias e reconhecimento institucional, tem se mostrado eficaz para aumentar a adesão à higienização das mãos. Hospitais que implementam essas medidas observam uma melhoria significativa na adesão dos profissionais e, conseqüentemente, uma redução expressiva nos índices de infecção hospitalar [33.].

A atuação do enfermeiro é fundamental na prevenção e controle das infecções hospitalares, considerando sua participação ativa no cuidado direto ao paciente e na implementação de protocolos de segurança, o enfermeiro é responsável por uma série de procedimentos que, quando realizados corretamente, reduzem significativamente os riscos de contaminação e disseminação de patógenos dentro das unidades hospitalares. Dessa forma, a capacitação contínua desses profissionais é essencial para garantir uma assistência segura e eficaz [34.].

A prática do enfermeiro exige a aplicação rigorosa das diretrizes estabelecidas pelos órgãos reguladores da saúde, que incluem a correta manipulação de materiais hospitalares, a adequada higienização das mãos e o cumprimento de protocolos de isolamento para pacientes infectados. A adesão dos enfermeiros às normas de biossegurança é um fator determinante na prevenção das infecções hospitalares, visto que pequenos descuidos podem comprometer a segurança do paciente e da equipe de saúde [35.].

A capacitação dos enfermeiros sobre práticas de controle de infecções tem se mostrado um dos pilares para a redução da disseminação de microrganismos nos ambientes hospitalares. Programas de educação continuada melhoram a adesão dos



profissionais aos protocolos institucionais, promovendo uma cultura organizacional voltada para a segurança do paciente e para a mitigação dos riscos de infecção [36.].

A monitorização e o acompanhamento de pacientes hospitalizados também são atribuições do enfermeiro no controle das infecções. A detecção precoce de sinais e sintomas de infecção permite uma resposta rápida, reduzindo o tempo de internação e prevenindo complicações. Para isso, a enfermagem deve atuar de forma proativa, identificando fatores de risco e tomando medidas preventivas antes que o quadro do paciente se agrave [37.].

Além da assistência direta ao paciente, os enfermeiros desempenham um papel essencial na orientação e conscientização dos demais profissionais de saúde sobre boas práticas de prevenção. A enfermagem atua como facilitadora na disseminação do conhecimento sobre controle de infecções, promovendo treinamentos, supervisionando o cumprimento das normas institucionais e incentivando a adoção de práticas seguras [Erro: Origem da referência não encontrada].

O uso correto dos equipamentos de proteção individual (EPIs) é outra responsabilidade da equipe de enfermagem na prevenção das infecções hospitalares, a negligência no uso de luvas, aventais, máscaras e óculos de proteção pode aumentar significativamente o risco de transmissão de agentes infecciosos. Dessa forma, o enfermeiro deve garantir que os EPIs sejam utilizados de maneira adequada e que estejam sempre disponíveis para todos os profissionais da instituição [Erro: Origem da referência não encontrada].

A humanização do cuidado também deve ser levada em consideração no contexto da prevenção de infecções hospitalares, a relação entre enfermeiro e paciente influencia diretamente na adesão às medidas preventivas, especialmente em casos que envolvem o isolamento de pacientes infectados. O suporte emocional e a orientação sobre a importância das práticas de controle de infecções contribuem para uma recuperação mais rápida e segura [40.].



3.1. Análise dos resultados

A análise dos resultados obtidos a partir da revisão narrativa evidencia que as infecções hospitalares continuam sendo um dos principais desafios enfrentados pelas instituições de saúde. Os dados encontrados confirmam que a resistência microbiana, a inadequada adesão às práticas de higiene e o uso indiscriminado de antimicrobianos são fatores determinantes para a disseminação dessas infecções [41.].

A aplicação rigorosa de protocolos de biossegurança, especialmente em UTI, é essencial para minimizar os riscos de contaminação, reforçando a necessidade de estratégias eficazes para controle e prevenção [41.].

A higienização das mãos foi identificada como a medida mais eficaz na redução da transmissão de infecções nos ambientes hospitalares. No entanto, a baixa adesão dos profissionais de saúde a essa prática compromete sua eficácia [42.].

Fatores como sobrecarga de trabalho, indisponibilidade de insumos e reduzida fiscalização contribuem para o não cumprimento dos protocolos estabelecidos. Dessa forma, a necessidade de reforçar campanhas educativas e implementar mecanismos de controle torna-se evidente para garantir maior adesão a essa prática preventiva [42.].

Outro achado relevante é a relação entre o uso de dispositivos médicos invasivos e o aumento do risco de infecções hospitalares. Estudos demonstram que cateteres venosos centrais, sondas urinárias e ventiladores mecânicos representam potenciais portas de entrada para agentes infecciosos, especialmente quando há falhas nos procedimentos de assepsia, a adoção de técnicas adequadas de manuseio e a realização de treinamentos contínuos para a equipe de enfermagem são medidas essenciais para reduzir complicações associadas a esses dispositivos [43.].

A resistência bacteriana foi apontada como um dos maiores desafios no combate às infecções hospitalares, o uso indiscriminado de antibióticos tem acelerado a seleção de cepas multirresistentes, dificultando a erradicação de patógenos em ambientes hospitalares. A implementação de programas de gerenciamento do uso de



antimicrobianos dentro dos hospitais tem se mostrado eficaz na contenção da resistência bacteriana, promovendo maior segurança no tratamento das infecções [44.].

A estrutura hospitalar e a organização dos serviços de saúde também influenciam na incidência de infecções nosocomiais, Ambientes hospitalares superlotados, ventilação inadequada e higienização deficiente de superfícies e equipamentos favorecem a proliferação de microrganismos. Hospitais que investem em melhorias estruturais e na implementação de protocolos rigorosos de limpeza e desinfecção conseguem reduzir significativamente os índices de infecção hospitalar, reforçando a importância da infraestrutura no controle dessas doenças [45.].

A capacitação contínua dos enfermeiros foi destacada como uma das estratégias mais eficazes para a redução das infecções hospitalares. Estudos indicam que treinamentos regulares sobre biossegurança, manipulação de materiais e adesão aos protocolos institucionais aumentam significativamente a segurança dos procedimentos hospitalares, a qualificação do enfermeiro impacta diretamente na qualidade da assistência prestada, minimizando erros e fortalecendo a cultura da segurança do paciente [46.].

A análise dos resultados reforça a necessidade da integração entre diferentes setores hospitalares para o sucesso das estratégias de controle de infecção. O trabalho conjunto entre profissionais de enfermagem, médicos, fisioterapeutas, farmacêuticos e equipes de limpeza hospitalar possibilita uma abordagem mais ampla e eficaz na prevenção dessas infecções. A interdisciplinaridade e a comunicação eficaz entre os setores hospitalares favorecem a implementação de medidas preventivas mais robustas e duradouras [47.].

A vigilância epidemiológica se mostrou uma ferramenta essencial para a identificação precoce de surtos e o monitoramento das infecções hospitalares. O acompanhamento contínuo dos casos e a análise de padrões de infecção permitem intervenções mais rápidas e eficazes. Hospitais que adotam estratégias ativas de



vigilância conseguem reduzir significativamente a disseminação de patógenos, otimizando os recursos institucionais e garantindo uma assistência mais segura [48.].

A importância do envolvimento dos pacientes na prevenção das infecções hospitalares também foi destacada na literatura analisada. A orientação sobre medidas de higiene pessoal, adesão aos cuidados pós-operatórios e cumprimento das recomendações médicas são fundamentais para minimizar os riscos de complicações infecciosas. A educação do paciente e de seus familiares contribui para um ambiente hospitalar mais seguro, promovendo a corresponsabilidade na prevenção das infecções [49.].

Os resultados obtidos a partir desta revisão narrativa demonstram que a prevenção e o controle das infecções hospitalares exigem uma abordagem multifatorial, envolvendo a adoção rigorosa de medidas de biossegurança, capacitação contínua dos profissionais e investimento em infraestrutura hospitalar. A implementação de políticas institucionais bem estruturadas e a fiscalização da adesão aos protocolos estabelecidos são determinantes para a redução dos quantitativos de infecção hospitalar, garantindo maior segurança para pacientes e profissionais da saúde [50.].

4. **Considerações finais**

Este estudo abordou, de maneira detalhada, a problemática das infecções hospitalares, com destaque para os principais fatores determinantes e para as estratégias adotadas pelo enfermeiro no seu controle e prevenção. Com base na literatura revisada, constatou-se que a ocorrência dessas infecções está diretamente associada à resistência bacteriana, à adesão insuficiente às práticas de higienização das mãos e ao manejo inadequado de dispositivos invasivos.

Os objetivos estabelecidos foram atingidos, permitindo compreender como a atuação do enfermeiro é fundamental para minimizar a incidência dessas infecções nosocomiais por meio da implementação rigorosa de protocolos de segurança.



Durante a pesquisa, ficou evidente a relevância da **educação permanente** dos profissionais de saúde, especialmente dos enfermeiros, para garantir uma atuação qualificada frente aos desafios impostos pelas infecções hospitalares. Essa formação contínua favorece a adesão aos protocolos institucionais e reduz significativamente a incidência de complicações infecciosas. Observou-se que hospitais que investem sistematicamente na atualização de seus profissionais conseguem obter melhores resultados na segurança do paciente, reduzindo a morbimortalidade associada às infecções.

O método narrativo adotado mostrou-se adequado para investigar de forma detalhada os fatores determinantes e as estratégias preventivas utilizadas pela enfermagem. Entretanto, reconhece-se que a ausência de uma pesquisa empírica constitui uma limitação do estudo, apontando a necessidade de futuras investigações com levantamentos de campo que possam aprofundar o conhecimento prático e teórico sobre o tema.

Recomenda-se que as instituições hospitalares ampliem suas políticas de monitoramento e fiscalização contínua das práticas assistenciais, reforçando a importância da adesão rigorosa às medidas preventivas já estabelecidas. Além disso, sugere-se o desenvolvimento de novas pesquisas empíricas, incluindo entrevistas ou questionários aplicados diretamente às equipes de enfermagem, possibilitando uma compreensão mais abrangente das dificuldades e necessidades reais enfrentadas na prática cotidiana para a prevenção efetiva das infecções hospitalares.

Por fim, conclui-se que o fortalecimento das estratégias de prevenção, aliado à capacitação constante dos enfermeiros, constitui não apenas uma ação essencial para a segurança do paciente, mas também uma medida estratégica para a sustentabilidade financeira das instituições de saúde.

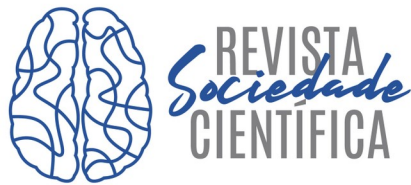
5. **Declaração de direitos**



Os Autores declaram ser detentores dos direitos autorais da presente obra, que o artigo não foi publicado anteriormente e que não está sendo considerado por outra(o) Revista/Journal. Declaram que as imagens e textos publicados são de responsabilidade dos autores, e não possuem direitos autorais reservados a terceiros. Textos e/ou imagens de terceiros são devidamente citados ou devidamente autorizados com concessão de direitos para publicação quando necessário. Declaram respeitar os direitos de terceiros e de Instituições públicas e privadas. Declaram não cometer plágio ou autoplágio e não ter considerado/gerado conteúdos falsos e que a obra é original e de responsabilidade dos autores.

6. Referências

1. Ferreira AM, Andrade D, Silva EL. Infecções relacionadas à assistência à saúde: incidência e fatores associados em hospital universitário. *Texto Contexto Enferm.* 2017;26(3):e0100016.
2. Martins F, Almeida P, Costa R. Educação continuada e sua influência na prevenção de infecções hospitalares. *CogitareEnferm.* 2018;23(1):e53702.
3. Oliveira AC, Cardoso CS, Mascarenhas D. Fatores associados à adesão às medidas de precaução por contato pela equipe de enfermagem. *RevEscEnferm USP.* 2018;44(1):161-5.
4. Oliveira AC, Cardoso CS, Mascarenhas D. Fatores associados à adesão às medidas de precaução por contato pela equipe de enfermagem. *RevEscEnferm USP.* 2018;44(1):161-5.
5. Brasil. Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
6. Cunha T, Silva J, Pereira M. Resistência bacteriana em unidades de terapia intensiva: desafios para a enfermagem. *Rev Latino-AmEnferm.* 2017;25:e2958.
7. Semmelweis I. Etiology, concept and prophylaxis of childbed fever. *MedClassics.* 1941;5(2):350-73.
8. Nightingale F. *Notes on hospitals.* 3rd ed. London: Longman, Green, Longman, Roberts, and Green; 1863.



9. Alves C, Soares B, Ferreira J. Uso de antimicrobianos e a emergência de micro-organismos multirresistentes em ambiente hospitalar. *RevEpidemiolControlInfec.* 2018;8(1):50-6.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 2616, de 12 de maio de 1998. Dispõe sobre as ações de controle de infecção hospitalar. *Diário Oficial da União.* 1998 mai 13.
11. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Programa nacional de prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
12. Ferreira AM, Andrade D, Silva EL. Infecções relacionadas à assistência à saúde: incidência e fatores associados em hospital universitário. *Texto Contexto Enferm.* 2017;26(3):e0100016.
13. Brasil. Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
14. Oliveira AC, Cardoso CS, Mascarenhas D. Fatores associados à adesão às medidas de precaução por contato pela equipe de enfermagem. *RevEscEnferm USP.* 2018;44(1):161-5.
15. Rodrigues P, Menezes F, Gomes L. Impacto de protocolos de higiene das mãos na redução de infecções hospitalares. *Rev Gaúcha Enferm.* 2018;39:e2017-0052.
16. Alves C, Soares B, Ferreira J. Uso de antimicrobianos e a emergência de micro-organismos multirresistentes em ambiente hospitalar. *RevEpidemiolControlInfec.* 2018;8(1):50-6.
17. Cunha T, Silva J, Pereira M. Resistência bacteriana em unidades de terapia intensiva: desafios para a enfermagem. *Rev Latino-AmEnferm.* 2017;25:e2958.
18. Souza LM, Ramos MF, Beleza SM. Adesão às precauções-padrão pela equipe de enfermagem em unidades de terapia intensiva. *RevBrasEnferm.* 2019;72(2):330-6.



19. Martins F, Almeida P, Costa R. Educação continuada e sua influência na prevenção de infecções hospitalares. *CogitareEnferm*. 2018;23(1):e53702.
20. Stone PW, Braccia D, Larson E. Systematicreviewofeconomicanalysesofhealthcare-associatedinfections. *Am J InfectControl*. 2005;33(9):501-9.
21. Zimlichman E, Henderson D, Tamir O, Franz C, Song P, Yamin CK, et al. Health care-associatedinfections: a meta-analysisofcostsand financial impactonthe US healthcare system. *JAMA Intern Med*. 2013;173(22):2039-46.
22. Brasil. Tribunal de Contas da União. Relatório de auditoria operacional: infecções hospitalares no SUS. Brasília: TCU; 2016.
23. Rosenthal VD, Maki DG, Jamulitrat S, Medeiros EA, Todi SK, Gomez DY, et al. InternationalNosocomialInfectionControl Consortium report, data summary for 2003–2008. *Am J InfectControl*. 2010;38(2):95-104.
24. Umscheid CA, Mitchell MD, Doshi JA, Agarwal R, Williams K, Brennan PJ. Estimatingtheproportionofhealthcare-associatedinfectionsthat are reasonablypreventableandtherelatedmortalityandcosts. *InfectControlHospEpidemiol*. 2011;32(2):101-14.
25. Laxminarayan R, Duse A, Wattal C, Zaidi AK, Wertheim HF, Sumpradit N, et al. Antibioticresistance—theneed for global solutions. *Lancet InfectDis*. 2013;13(12):1057-98.
26. Pereira L, Moraes A, Barbosa C. A importância da higienização das mãos na prevenção de infecções hospitalares. *RevEletr Acervo Saúde*. 2020;12(1):e2712.
27. Brasil. Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
28. Santos MR, Lima ME, Souza RC. Avaliação da higienização das mãos como medida de prevenção de infecções hospitalares. *RevEnferm UFPE OnLine*. 2018;12(5):1300-6.



29. Rodrigues P, Menezes F, Gomes L. Impacto de protocolos de higiene das mãos na redução de infecções hospitalares. *Rev Gaúcha Enferm.* 2018;39:e2017-0052.
30. Oliveira AC, Cardoso CS, Mascarenhas D. Fatores associados à adesão às medidas de precaução por contato pela equipe de enfermagem. *RevEscEnferm USP.* 2018;44(1):161-5.
31. Martins F, Almeida P, Costa R. Educação continuada e sua influência na prevenção de infecções hospitalares. *CogitareEnferm.* 2018;23(1):e53702.
32. Ferreira AM, Andrade D, Silva EL. Infecções relacionadas à assistência à saúde: incidência e fatores associados em hospital universitário. *Texto Contexto Enferm.* 2017;26(3):e0100016.
33. Alves C, Soares B, Ferreira J. Uso de antimicrobianos e a emergência de micro-organismos multirresistentes em ambiente hospitalar. *RevEpidemiolControlInfec.* 2018;8(1):50-6.
34. Ferreira AM, Andrade D, Silva EL. Infecções relacionadas à assistência à saúde: incidência e fatores associados em hospital universitário. *Texto Contexto Enferm.* 2017;26(3):e0100016.
35. Brasil. Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
36. Martins F, Almeida P, Costa R. Educação continuada e sua influência na prevenção de infecções hospitalares. *CogitareEnferm.* 2018;23(1):e53702.
37. Cunha T, Silva J, Pereira M. Resistência bacteriana em unidades de terapia intensiva: desafios para a enfermagem. *Rev Latino-AmEnferm.* 2017;25:e2958.
38. Alves C, Soares B, Ferreira J. Uso de antimicrobianos e a emergência de micro-organismos multirresistentes em ambiente hospitalar. *RevEpidemiolControlInfec.* 2018;8(1):50-6.



39. Oliveira AC, Cardoso CS, Mascarenhas D. Fatores associados à adesão às medidas de precaução por contato pela equipe de enfermagem. *RevEscEnferm USP*. 2018;44(1):161-5.
40. Pereira L, Moraes A, Barbosa C. A importância da higienização das mãos na prevenção de infecções hospitalares. *RevElettr Acervo Saúde*. 2020;12(1):e2712.
41. Brasil. Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
42. Pereira L, Moraes A, Barbosa C. A importância da higienização das mãos na prevenção de infecções hospitalares. *RevElettr Acervo Saúde*. 2020;12(1):e2712.
43. Cunha T, Silva J, Pereira M. Resistência bacteriana em unidades de terapia intensiva: desafios para a enfermagem. *Rev Latino-AmEnferm*. 2017;25:e2958.
44. Alves C, Soares B, Ferreira J. Uso de antimicrobianos e a emergência de micro-organismos multirresistentes em ambiente hospitalar. *RevEpidemiolControlInfec*. 2018;8(1):50-6.
45. Rodrigues P, Menezes F, Gomes L. Impacto de protocolos de higiene das mãos na redução de infecções hospitalares. *Rev Gaúcha Enferm*. 2018;39:e2017-0052.
46. Martins F, Almeida P, Costa R. Educação continuada e sua influência na prevenção de infecções hospitalares. *CogitareEnferm*. 2018;23(1):e53702.
47. Oliveira AC, Cardoso CS, Mascarenhas D. Fatores associados à adesão às medidas de precaução por contato pela equipe de enfermagem. *RevEscEnferm USP*. 2018;44(1):161-5.
48. Brasil. Medidas de prevenção de infecção relacionada à assistência à saúde. Brasília: ANVISA; 2017.
49. Santos MR, Lima ME, Souza RC. Avaliação da higienização das mãos como medida de prevenção de infecções hospitalares. *RevEnferm UFPE OnLine*. 2018;12(5):1300-6.



50. Alves C, Soares B, Ferreira J. Uso de antimicrobianos e a emergência de micro-organismos multirresistentes em ambiente hospitalar. RevEpidemiol Control Infec. 2018;8(1):50-6.